

Sinagoga Kehilat Israel e a manutenção da memória judaica no Bairro do Bom Retiro em São Paulo.

Marina Alves Mendes Itabaiana de Moraes³⁴³

Palavras-chave: Arquitetura. Bom Retiro. Memória. Judeus. Sinagoga Kehilat Israel.

RESUMO

Este trabalho foi extraído do trabalho de conclusão de curso: *Imigração e Religiosidade: As Representações no Memorial da Sinagoga Kehilat Israel sobre os Judeus*. A partir da construção da Sinagoga Kehilat Israel, O Bom Retiro passa a demarcar um espaço judaico em São Paulo. As experiências vividas pelos imigrantes que chegaram ao Brasil e encontraram na sinagoga um lugar para ser acolhido, atrelado às mudanças que o bairro vivia por sua proximidade a Estação da Luz e as novas economias, foram fontes de reflexão para perceber os modos de consolidação da presença judaica na região.

Palabras clave: Arquitectura. Bom Retiro. Memoria. Judios. Sinagoga Kehilat Israel

RESUMEN

Este artículo fue extraído della monografía: *Imigração e Religiosidade: As Representações no Memorial da Sinagoga Kehilat Israel sobre os Judeus*. Desde la construcción de la sinagoga Kehilat Israel, The Good Retreat comienza a demarcar un espacio judío en São Paulo. Las experiencias vividas por los inmigrantes que llegaron a Brasil y encontraron en la sinagoga un lugar para ser bienvenidos,

³⁴³ Graduada em Museologia pela Universidade de Brasília.



vinculados a los cambios que el vecindario estaba experimentando debido a su proximidad a la estación de Luz y las nuevas economías, fueron fuentes de reflexión para comprender las formas de consolidar la presencia. Comunidad judía en la región.

“o Schlomo é judeu polonês, o Ítalo é italiano, a Irene é grega e o namorado dela... bom, este deve ser neto de africano”. (O ano em que meus pais saíram de férias. 2006)

A presença judaica em São Paulo e a formação do Bom Retiro têm a sua história de formação, transformação e consolidação atreladas. Desde quando ainda eram chácaras até a fase mais moderna, os judeus trouxeram o seu modo de trabalho, ergueram comércio e instituições, cristalizando no Bom Retiro sua permanência como grupo coeso e duradouro. Estabeleceram uma rede social a partir de sua identidade judaica tornando mais estável a vivência na cidade.

O Bom Retiro se torna bairro em 1880. Até meados de 1875 era uma propriedade de Manfred Meyer³⁴⁴, judeu alsaciano, que dividiu a região em loteamentos. Mesmo pouco habitado já tinha na área em 1884 uma escola primária, uma fábrica de tecidos de algodão (Fábrica Anhaia) e uma cervejaria (cervejaria germânia). Era um lugar de chácaras, em que as famílias nobres descansavam. O nome do bairro se deve ao nome da chácara de Joaquim Egídio de Souza - Marques de Três Rios (1821- 1893), um dos mais importantes fazendeiros paulistas. (VALADERES; FAIGUENBOIN; 2013. P 33.)

³⁴⁴ Meyer possuía uma olaria, utilizando argila das várzeas dos rios Tamanduateí e Tietê para fabricar telhas e tijolos que eram vendidos para a capital e a região, esta fábrica empregava imigrantes italianos que residiam no Bom Retiro. (Póvoa. 2007. p. 164)



A construção da Estação da Luz em 1867 ligando a ferrovia com o porto de Santos, transformou a paisagem local, ainda sob essa perspectiva, foi no final do século XIX que começaram a chegar e a fixar os europeus, inicialmente eram os italianos. Perto da São Paulo Railway³⁴⁵ foi criando a aparência de bairro operário. Em 1900 com as obras da nova estação da Luz, um viaduto fez a ligação entre a José Paulino e a Couto de Magalhães criando atividade econômica - o comércio.

A partir da chegada dos imigrantes e a construção da ferrovia, o bairro deixa de ter aspecto rural e passa a ser urbano, mas deve-se ressaltar que a presença migratória está associada a duas condições: a primeira a cafeeira, em que existiam políticas de utilização estrangeiros como mão de obra nas lavouras ou nas ocupações de novas áreas de produção de café. Com a ferrovia, que levava de trem os imigrantes recém desembarcados no porto de Santos até o interior do Estado e retomava com sacas de café, o Bom Retiro se tornou um ponto de referência. Assim, algumas famílias foram se estabelecendo na região, no início do século XX, eram na maioria os italianos, espanhóis, alemães, em seguida os armênios e gregos. A segunda dinâmica de imigração se dá com os sul-coreanos e latino-americanos, que encontraram no Bom Retiro espaço para trabalhar e residir, associado à produção de roupa e acessórios, que anteriormente eram exercidos por judeus e italianos (TOJI. 2007 P.197- 198). Flávia Brito do Nascimento (2007) ressalta que não há resquício da época em que havia chácaras na região. As casas eram feitas em taipas e foram derrubadas à medida que iam loteando a área, assim, o Mosteiro da Luz é o único exemplo de cidade colonial. Na virada século do século XIX as casas eram construídas com destinação operária, ainda persiste nos miolos da quadra, sob forma de vilas. Um outro ponto importante das transformações geradas pela economia do café, foi a construção de edifícios públicos e de moradias de elite dignas dos novos padrões de consumo que, por outro lado, proporcionou uma grave crise de moradia decorrente do aumento populacional. (LEMOS APUD

³⁴⁵ São Paulo Railway mais conhecida por Estrada de Ferro Inglesa, que passa a se chamar Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, inaugurada em 16 de fevereiro de 1867, por obra do Barão e Visconde de Mauá. (SILVESTRE. 2007. P. 64)



NASCIMENTO.2007). Na virada do século XIX para o século XX até 1930 além das vilas residenciais, eram pequenas casas térreas com porão alto e sobrado geminado voltado para a via. Já as edificações de esquina tinham o comércio no térreo. A existência das lojas no térreo e fábricas no andar superior faziam com que o Bom Retiro criasse um aspecto fabril e trazendo a tona a história de como esses imigrantes fincaram raízes.

Nesta perspectiva os judeus veem ao Brasil mais intensamente no final do século XIX e início do XX, mas também nas décadas de 1950 - 60 por motivos de extrema pobreza, perseguições, os *pogrom*³⁴⁶ e a ascensão do Gamal Abdal Fonsen ao Egito. Segundo Hilário Dertônio (1971. P.22), entre 1930 e 1947 chegaram a São Paulo 30.000 judeus, que estavam fugindo do Nazismo, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, a maioria era germânicos e eslavos, eram ashkenazitas (SILVESTRE.2007. P.65). Esses desembarcavam no porto de Santos, iam para a cidade via Estação da Luz e se fixaram no Bom Retiro, juntando -se aos outros imigrantes e se dedicavam ao comércio de atacado e varejo (PÓVOA; 2007. P.140). Os judeus que chegaram em 1910 fizeram do comércio e da produção de roupas as principais atividades econômicas. Para Flávia Brito do Nascimento (2007) os judeus foram os protagonistas do processo de transformação. Foram eles que começaram com pequenas indústrias com lojas e fábricas. As construções se renovaram para abrigar as lojas, enquanto as casas foram dando lugares a prédios de quatro ou cinco andares. Nas décadas 1940 e 1950 as edificações se uniram pela estética do movimento modernista. (FELDMAN 2004; EVASO 2004; KOULIOMBA 1995 APUD NASCIMENTO.2007).

Os judeus ocuparam as ruas da Graça, Prates, Guarani, Joaquim Murtinho, José Paulino, Corrêa dos Santos (atual Lubovitch) e Três Rios. Construíram escolas judaicas, instituições juvenis, associações culturais e sinagogas. Estabelecendo assim uma relação entre judeus e lugar, caracterizando o Bom

³⁴⁶ Ataque violento seguido de saque e morte que aconteciam em pequenos vilarejos do Leste Europeu - Rússia, Romênia, Polônia e Hungria.



Retiro como um lugar judaico. Para Carlos Alberto Póvoa (2007; P. 178-9) a construção destes espaços, das sinagogas e lojas ou mesmo no fenótipo dos judeus ortodoxos, são resultado do judeu que age e desenvolve suas próprias ações a fim de representar a comunidade judaica em diferentes níveis e o que os insere ao seu lugar, experienciando simultaneamente o processo de construção do seu espaço na produção territorial por meio de um sistema de relações da construção do seu território. Esses lugares tiveram a função de complementar a sua identidade com a sua nova história territorial, que se intensificava à medida que a população e as instituições proporcionam conforto espiritual e material, eram relações que se consolidaram mística, religiosa e socialmente que se materializaram no Bom Retiro. (PÓVOA; 2007; P. 167). No tocante ao assunto, destaca-se a ideia de José Moura Gonçalves Filho de que a organização de um bairro vai muito além do fator funcional, mas sim, de se modelar em função dos costumes dos que vivem ali:

Reconhecemos, então, a organização social da vida humana não como uma solução exterior e funcional de necessidades apenas econômicas, função estrita da sobrevivência natural, mas, mais profundamente, descobriremos os objetivos e as práticas sociais- que traçam nossa existência- como inteiramente motivados, solicitando do observador, mais além da objetividade, atenção para os suportes efetivos da memória, ordenadores empíricos da vida intersubjetiva, apoios consistentes do campo simbólico em que brincam, trabalham e se encontram os homens. Numa palavra: referências concretas de nossas iniciativas de conservação ou de mudança.



(GONÇALVES FILHO; 1988; pág.110)

As instituições sociais: sinagoga, escolas, feiras, são o testemunho de uma organização coletiva e, a construção desses tipos de referência, seja no passado ou no presente, revela a importância da região do Bom Retiro para a história desses grupos e a vontade de marcar a existência coletiva de modo perene (TOJI; 2007). A partir da ideia de Póvoa e de Gonçalves Filho, os judeus transformam o espaço urbano a fim de se afirmarem como pertencentes àquele lugar. Destaca-se outra ideia de Gonçalves Filho sobre as construções em bairros ou cidades que despertam algum tipo de memória:

“Importa alertar, então, para os lastros mnêmicos que se insinuam nas matérias sociais à sua volta, lastros muito tênues de memória, mas decisivos no firmamento da cultura de um povo, lastros que suscitam e suportam a evocação do que somos; lastros muito vulneráveis, perecíveis num contexto de violência militar, econômica e psicológica. (GONÇALVES FILHO, 1988. P. 108)

Para Gonçalves Filho, o fluxo da memória é agenciado por "pontos de significação", lugares que concentram eventos que se apegam aos materiais que o acompanha, delimitando "o sentido íntimo das coisas que durante anos resistiram a nós com sua alteridade e acabam por tomar algo do que fomos" (GONÇALVES FILHO.1888.p.112), assim, a cidade com todos os seus lugares é subjetivamente diferenciado pelas experiências, essas demarcam os espaços reservados para fazer lembrar.

A história judaica é marcada pelo processo de “desterritorialização” urbana, contudo, Póvoa destaca a “não - desterritorialidade” porque os judeus criam objetos físicos que passam a ser compreendidos como realidade social com forma e conteúdo que expressam sentimentos e ações judaicas para sobreviverem como um adensamento cultural. Algo que determina uma identidade ao lugar,



independentemente se os grupos judaicos não ocuparem mais maciçamente, no caso o Bom Retiro. Ressalto que é da tradição judaica as gerações serem mais bem-sucedidas profissionalmente e materialmente que as anteriores, dessa maneira a segunda geração de judeus nascidos no Bom Retiro não seguiram com os negócios da família passaram a exercer profissões liberais, então, migraram para bairros nobres por questão social, econômica, a fim de corresponder com a nova posição social e profissional mudando para os bairros de Santa Cecília, Higienópolis, Jardins, Pinheiro e Morumbi (PÓVOA. 2007. P. 173). Consequentemente firmando novas sinagogas nesses espaços e formando uma extensão urbana maior.

Em relação à Rua da Graça, os primeiros a ocuparem foram os portugueses, em seguida os italianos que ficaram até 1940, a partir de então foram os judeus da Europa Central e do sul da Rússia, eram ashkenazitas e falavam o dialeto lídiche, depois chegaram os judeus do oriente médio e Egito, eram sefaraditas³⁴⁷ e falavam o dialeto ladino. Mesmo existindo diferença cultural entre brasileiros e judeus, ou em relação a outros imigrantes, os judeus se adaptaram ao Bom Retiro, segundo Hilário Dertônio, a Rua da Graça é um bom exemplo sobre o hibridismo cultural³⁴⁸ e uma boa convivência:

Em suma a Rua da Graça é o centro de um verdadeiro caleidoscópio social, cultural e racial. Uma cantina italiana ali serve excelentes massas e uma famosa “charlotte”; num restaurante grego-israelita, especializado em comidas do Mediterrâneo Oriental (carneiro, peixes e mariscos, regados a “uso”, aguardente parecida com o “araque” árabe), ouvem-se curiosos falares gregos, judeus, espanhóis e até franceses (DERTÔNIO, 1971, p.66).

³⁴⁷ Ashkenazitas (ashkenazim) Judeus da Europa central e oriental que fala o iídiche.

Sefaraditas (Sefaradim) Judeus de origem espanhola, falantes do ladino, que foram abandonando para falar a língua local.

³⁴⁸ Hibridismo cultural é um fenômeno sócio - cultural natural e iminente na sociedade, em que estruturas e práticas que existem de forma separada, mas que se unem para gerar novas estruturas de, objetos e práticas.



O território é um espaço geográfico, palco de relações de poder, tanto no âmbito político- econômico - administrativo, quanto na articulação simbólica - construção identitária, utilizado como instrumento de poder de grupos e classes sociais. Assim, existem duas formas de multiterritorialidade, Lato Sensu ou sucessiva e Stricto Sensu ou simultânea; a primeira se refere à articulação de territórios em redes que geram aos grupos sociais uma mobilidade física, causando uma hibridação por meio deste deslocamento, que gera uma experiência e um controle. A segunda são territórios em si híbridos que articulam com outros territórios. (HAESBAERT. 2012. P.34 e 36). Pode-se dizer que produzir cultura híbrida é também construir espaços híbridos liminares ou transfronteiriços, ou seja, territórios múltiplos que sua forma influencia diretamente nas concepções de mundo, assim como na construção de nossas identidades sociais. (CANCLINI. 1998 APUD HAESBAERT. 2012. P.35).

SINAGOGA E SIGNIFICADO

Para os judeus a construção da Sinagoga³⁴⁹ e a colocação da Torá³⁵⁰ no seu interior representa a afirmação da identidade judaica no lugar, concretizou-se a existência de um território judaico

³⁴⁹ No Bom Retiro foram construídas outras cinco sinagogas, uma congregação e uma cooperativa de crédito (PÓVOA. 2007. P. 186).

B'nei Akiva - Rua Guarani

Israelita Brasileira Beith Itzhok Elchonon - Rua Prates

Sociedade Religiosa Beith Haknesset Adat Ischorum - Rua Prates

Adas Yereim - Talmud Thorá

Machzikei Adat Joaquim Murtinho



(PÓVOA. 2007. P.185), este espaço têm três funções: orações, estudo e encontros comunitários (GOMES. 2011. P. 18). Na tradição Judaica, a Sinagoga, desde a antiguidade, é a principal direção da religião, é um elemento referencial do povo judeu. É importante atentar que, após a revolução francesa e a revolução industrial, os judeus começam a sair de suas regiões e participar dos fluxos migratórios, fazendo com que se apropriasse então dos costumes da sociedade que os acolheu. Ao assimilarem os valores dessa nova comunidade, iam perdendo os valores judaicos que seriam anacrônicos e incompatíveis com o novo estilo de vida. Daí, a importância da sinagoga³⁵¹, são os únicos lugares da prática judaica, é onde o judeu contemporâneo tem contato com os rituais. Deve-se atentar que ficar fora ou dentro da vida judaica é seguir ou não as leis da cashrut³⁵² (AVIGDOR. 2010. P. 145).

Ao longo da história judaica, a sinagoga se transforma, tanto em seu formato quanto ao seu significado. No que se refere à arquitetura, as mudanças, segundo Renée Avigdor (2010; P.115), obedecem ao fluxo do movimento diaspórico, elas assumem características arquitetônicas que estão vigentes nos lugares para onde o povo judeu migra. Quanto aos significados, no seu interior, possuem formas diferenciadas na organização dos cultos religiosos, que estão de acordo com os preceitos

Congregação Israelita Ortodoxa Kehak Chassidim - Rua Mamoré

Entidade e Assistência social - Unibes

1916 - Sociedade Brasileira de Beneficência Ezra.

1928 - Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro - Este apoiava os recém - chegados

³⁵⁰ Rolo de pergaminho/ livro que estão as escrituras religiosas. É a bíblia dos judeus.

³⁵¹ No primeiro exílio em 587 a.C, a sinagoga era um lugar para ler as Escrituras. No segundo exílio em 70 d.C a sinagoga passa a ser um espaço de oração, reunião e estudo. Deve-se ressaltar que antes das sinagogas havia templos, no século I a.C, o no Templo de Jerusalém faziam-se oferendas sacrificiais, era um ritual privado pelo sacerdócio. Com a destruição do templo e o surgimento da sinagoga o judaísmo passa a ser uma religião sem sacrifícios, mas sim com ética. Nesse novo edifício (sinagoga) é necessário a participação de todos os fiéis em um ato coletivo, conduzido em torno da Lei. Diferente do templo destruído em 70 d.C, a sinagoga não propõe substituí-lo, mas se torna centro da vida judaica. (DAVIDOVITCH. 1997 APUD AVIGDOR. 2010. 113-114)

Na idade média, funcionavam como lugar de reclamações, anúncios legais e comerciais - em qualquer momento os ofícios podiam ser interrompidos para resolver questões pessoais. (IDEM)

³⁵² Cashrut é a fronteira entre “nós” (judeus) e “eles” (não judeus), o limite da assimilação cultural. (AVIGDOR. 2010.P. 145)



religiosos das comunidades que as dirige. Os rituais nas sinagogas não permaneceram estáticos, nos séculos XVIII e XIX, o fervor e a emoção nas orações eram enfatizadas, pois eram espaços abertos, não havia bancos, mesas, púlpitos ou altar, era um local ideal para manifestações oníricas, danças e cantos, a vodca era essencial nos rituais das correntes místicas (AVIGDOR. 2010. P. 115). Ainda no século XIX o judaísmo se aproximou ao ritual cristão, logo, seu espaço foi reorganizado, separando os assentos dispostos e o espaço de culto elevado por degraus, colocando uma plataforma para que se lesse a Torá, junto com a arca sagrada.

Ressalta-se que desde o século XIX a sinagoga se insere em um contexto mais social, ou seja, como centro comunitário, realizando assim banhos ritualísticos, casamentos, Bar Mitzvah, tirando assim a sinagoga do isolamento que a prática religiosa havia lhe imposto. (HAYOUN, JARASSÉ; 1999 APUD AVIGDOR, 2010. P. 166-7).

As sinagogas são santuários de Jerusalém, logo, são construídas com seu eixo principal em direção a Jerusalém, bem como os armários que guardam os rolos da Torá também estão em direção a Jerusalém. Esse armário sagrado, com uma parte elevada do salão e o púlpito em que se leem os trechos semanais passam a formar um conjunto estrutural e ocupam a frente, em direção aos fiéis. Os candelabros são cópias da Menorah³⁵³ do templo que ficam acesos durante os ofícios. As sinagogas reformistas são construções primorosas, mobiliadas de modo formal, inspirados nas igrejas protestantes da Alemanha. No Brasil, algumas sinagogas tem o modelo circular, geralmente são sefaraditas, no centro dos fiéis são lidas as escrituras (AVIGDOR. 2010. P. 115-6).

Vale ressaltar que do ponto de vista arquitetônico, a adaptação da sinagoga segue condições existentes em cada tempo e lugar. Os edifícios mais reclusos e menos destacados são por questão de segurança ou por comportamento proselitista da religião judaica. Consequentemente, pouca elaboração de artifícios formais específicos. No espaço interior, é destacável o esforço realizado em

³⁵³ Candelabro de sete pontas.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

prol da manutenção das tradições e identidades religiosas, ações que conservam vivos os elementos fundamentais da sinagoga: aron - hakodesh (Arca - sagrada), local em que guarda a torá, e o bimah (plataforma em que leem os textos sagrados). (EKERMAN. 2007).

No Bom Retiro, os judeus sentiram a necessidade de criar sinagogas por conta do aumento no número de imigrantes que iam chegando e faziam suas rezas em casa³⁵⁴. Como não tinham dinheiro para erguer uma, resolveram comprar um sobrado, o número 26 na Rua da Graça (**figura 1**) com a Corrêa dos Santos (atual Lubovitch), que era um estabelecimento comercial e também residencial. A escritura definitiva foi entregue a Comunidade Israelita de São Paulo³⁵⁵ em 19/02/1914, era um retrato da população de São Paulo³⁵⁶ daquela época tal era a diversidade dos seus protagonistas. Desta maneira, o local se transformou em um local de encontro, reuniões e orações diárias. Também abrigava uma escola dirigida pelo professor Julio Itckes (1868 - 1956) e uma biblioteca organizada por Abrão Kauffman (1874 - 1914). Durante a gripe espanhola o prédio serviu como hospital. Saliento que esta casa era, antes de tudo, um lugar de referência para os judeus imigrantes que chegaram à cidade.

³⁵⁴ No judaísmo é necessária a reunião de 10 homens para começar os ritos.

³⁵⁵ Os fundadores da Sinagoga tinham uma visão ao longo prazo, e criaram um estatuto 21 de fevereiro de 1912 em que era designado: organizar a Comunidade Israelita de acordo com a religião hebraica, sem afetar a república; Fundar e manter uma sinagoga; adquirir um terreno para servir de cemitério da comunidade israelita;(AUTORES: ANO)

³⁵⁶ Sobre a escritura





FIGURA 1 - Sobrado na Rua da Graça, 26, com a Corrêa dos Santos. São Paulo, s.d. RG/ICON 0166. CEAA - Centro de Estudos e Análise do Acervo do Memorial da Imigração Judaica/ SP.

O sobrado da Rua da Graça que abrigou a Sinagoga Kehilat Israel era distribuído³⁵⁷ da seguinte maneira, o piso térreo era ocupado tanto por homens como por mulheres, sendo separados por uma cortina. No porão, cozinha, acomodações para os imigrantes em busca de trabalho. No piso superior, início da escola Renascença, uma pequena biblioteca e aulas de idiche.

³⁵⁷ Informações retiradas no blog: As Sinagogas em São Paulo. <https://sinagogasemaopaulo.wordpress.com/sinagoga-kehilat-israel/> (visto em 17/07/2019)



Devido às transformações urbanas das décadas que seguiram³⁵⁸, o Bom Retiro mudou de perfil ocupacional e isso refletiu na arquitetura principalmente a partir da década de 1940,. Os velhos prédios foram derrubados e deram lugar para novas edificações, nessa toada a Kehilat Israel também sofreu com as modificações. Para tal, foi criada uma comissão formada por César Krasilchik, Azrel Leon Raw, Guilherme Krasilchik e Nathan R. Bortmann para a derrubada e reconstrução do prédio. A sinagoga (**figura 2**) passou por reforma, no dia 28 de novembro de 1954 as autoridades da comunidade judaica lançaram a pedra fundamental para transformação do prédio, um grupo de judeus comprou as casas da Rua da Graça com a Correa Santos³⁵⁹.



Sinagoga Rua da Graça - Acervo AHJB

³⁵⁸ Na década de 1950 a cidade de São Paulo passava por transformações urbanas decorrente da economia paulista, que ampliou a capacidade de acumulação nas atividades cafeeiras, agricultura, rede de transporte, o pequeno comércio varejista se transformou em atacado, e principalmente, o surgimento de indústrias mecânicas. Ver artigo: NASCIMENTO ARRUDA, Maria Arminda. Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950. Tempo social, v. 17, n. 1, p. 135-158, 2005.

³⁵⁹ Em conversa com professor Reuven Faingold me foi contado a história da construção da Sinagoga.



FIGURA 2 - A nova Sinagoga Kehilat Israel. São Paulo, s.d. RG/ICON 0130. CEEA - Centro de Estudos e Análise do Acervo do Memorial da Imigração Judaica/ SP.

O novo prédio³⁶⁰ era distribuído da seguinte maneira: primeiro piso para os homens, o superior (**figura 3**) para as mulheres: bancos e Aron - Ha kodesh³⁶¹ em madeira, Torah, Bimah³⁶², Ner Tamid³⁶³. No teto uma cúpula que não tinha pintura.

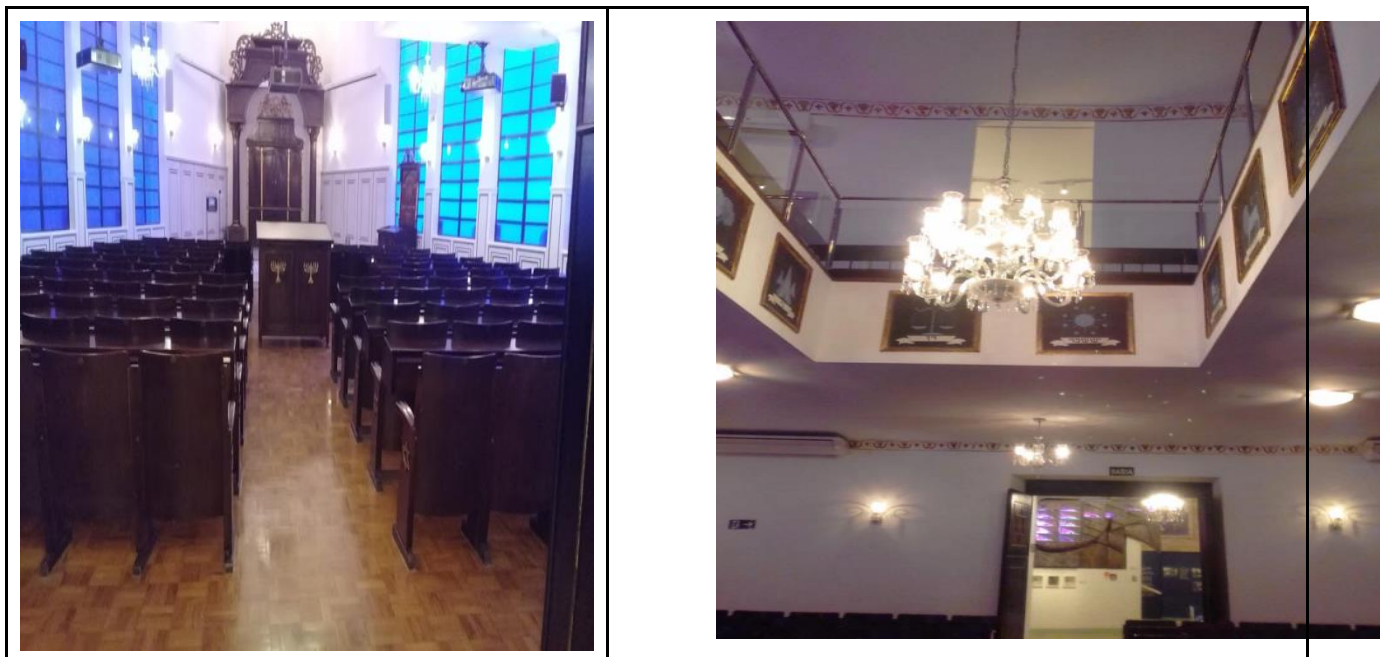


FIGURA 3. Espaço da sinagoga. Foto: Marina Moraes. 2017.

³⁶⁰ Segundo Flávia Brito do Nascimento no artigo Edificações como documentos: patrimônio construído na região da Luz e do Bom Retiro, o arquiteto foi Lucijan Korngold.

³⁶¹ Local de guarda da Torah

³⁶² Plataforma em que leem os textos sagrados e inicia a liturgia.

³⁶³ Lâmpada.



A fachada (**figura 4**) é azul por ser a cor da bandeira de Israel e do Talit, manto usado nas orações. No lado de fora, desenhos dos símbolos sagrados.



FIGURA 4 - Lateral da Sinagoga Kehilat Israel. São Paulo, s.d. RG/ICON 0167. CEAA - Centro de Estudos e Análise do Acervo do Memorial da Imigração Judaica/ SP.

Menorá	Candelabro de sete braços é o símbolo nacional do povo judeu e de identidade de Israel
Tábulas da lei	Os dez mandamentos de Moisés
Torá	Livro sagrado

**4º SE
BRA
MUS**

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRÁSILIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

Leão de Judá	Jesus Cristo
Eilat	Cidade de Israel
Mar Morto	
Mar da Galileia	
Chanukiyá/ Hanukkah	Candelabro de nove braços, em hebraico significa dedicação, inauguração. Usado na Festa das Luzes, significando o direito de praticar a religião.

Lembrando a ideia de Avigdor (2010), as sinagogas são santuários de Jerusalém, logo, guardam os rolos da Torá. Este armário sagrado, com uma parte elevada do salão e o púlpito em que se leem os trechos semanais passam a formar um conjunto estrutural e ocupam a frente, em direção aos fiéis. Para Ekerman (2007) os grandes edifícios, também se auto - afirmavam, tinham a função de realçar a nova posição social das comunidades judaicas. Na contemporaneidade esses edifícios não se restringem mais às sinagogas, mas também, como centros culturais e memoriais do holocausto.

O MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA

Outro momento de reforma foi para construção do memorial da imigração judaica, inaugurado em 23 de fevereiro de 2016, na sinagoga Kehilat Israel, com a ideia de preservar a memória daqueles que construíram a sinagoga, mas também dos imigrantes que, com o seu trabalho, colaboraram para a construção do Brasil, influenciando na dinâmica social, cultural e econômica do país, mais principalmente de São Paulo.



Contudo o MIMJ começou a ganhar forma em dezembro de 2012, sob a presença do então prefeito de São Paulo Gilberto Kassab e do Grão- Rabino de Israel Ionáh Metzger, com o lançamento da pedra fundamental. O trabalho foi desenvolvido com auxílio dos historiadores do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro e da Base 7 Projetos Culturais, empresa responsável pelo projeto arquitetônico e expográfico. O acervo foi formado a partir de doação de imigrantes e descendentes, foram recolhidos documentos, livros, roupas. Os curadores ainda contaram com apoio de grupos de idealistas e patrocinadores, que viabilizaram a reforma e ampliação dos quatro andares e fachada mantendo o original da sinagoga.

Reconstruída em 1954, a Sinagoga manteve a fachada original (**figura 5**), depois da reforma e construção do MIMJ. Como já apontado por Gonçalves Filho (1988), é possível perceber o fluxo da memória agenciado por "pontos de significação". A fachada pode ser concebida como um lugar que concentra eventos que se apegam aos materiais que o acompanha, ou seja, a experiência judaica na cidade de São Paulo. A fachada estabelece, em um lugar na cidade, a subjetividade do povo judeu ao se colocar como um lugar de memória no qual se inscrevem as experiências. Ela demarca um espaço reservado para que a cidade lembre que ali há um povo, uma história. Ao se fazer lembrar, via esse lugar de memória, compreende-se a importância de se manter a fachada da sinagoga, pois isso é manter o registro da união da comunidade judaica na década de 1950 que se juntou para ampliar o templo.





FIGURA 5. Fachada atual da Sinagoga Kehilat Israel. Foto: Marina Moraes. 2017.

O memorial abriga quatro exposições (**figura 6**), que segue a lógica: o que construímos – subsolo, onde estamos – primeiro andar, o que mantivemos- segundo andar e de onde viemos, que atualmente é denominado Memorial do Holocausto.



Deve-se ressaltar que nos dois momentos de reforma da Kehilat Israel, foram mantidos, em seu interior, os símbolos das tradições e identidades religiosas, ações que conservam vivos os elementos fundamentais da sinagoga: aron - hakodesh (Arca - sagrada), local em que guarda a torá, e o bimah (plataforma em que leem os textos sagrados) e que seguiram a dinâmica de transformação do Bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a sinagoga Kehilat Israel e o Memorial da Imigração Judaica são capazes de garantir a coesão e a manutenção entre os membros da comunidade, pois garante a existência concreta de uma memória de filiação - fundadores e gerações subsequentes -, além de demarcar a presença judaica no Bairro do Bom Retiro como um lugar de começo aos imigrantes que vieram ao Brasil, desembarcaram em São Paulo, e fizeram um lugar de oportunidade por meio da dinâmica social, cultural e religioso transformando o espaço urbano, demarcando a judeidade do bairro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Benedict. "Patriotismo e racismo". Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do Nacionalismo. São Paulo:Cia das Letras, 2008.

AVIGDOR, Renée. Judeus, sinagogas e rabinos: o judaísmo em São Paulo em mudança. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-02082010-195320. Acesso em: 2017-09-30.



CARDOSO, J. B. Cultural hybridism in Latin America. Itinerários, Araraquara, n.27, p.79-90, July./Dec. 2008.

CHERMONT, Lucia. “Reflexão sobre ser e pertencer na narrativa da comunidade judaica paulista”. In: LEWIN, Helena (coordenação) Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento. Rio de Janeiro: Imorimatur, 2013, P. 490 – 504.

CÔRREA, Ana Cláudia Pinto. Imigrantes Judeus em São Paulo: A reinvenção do Bom Retiro (1930 -2000). Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Programa de Estudos de Pós- Graduação em História da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo. São Paulo, p.270. 2007

DERTÔNIO, Hilário. O Bairro do Bom Retiro: história dos bairros de São Paulo. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura, 1971.

EKERMAN, Sergio Kopinski. Sinagogas e o processo de renovação da arquitetura ligada ao judaísmo. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 085.01, Vitruvius, jun. 2007 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/236>>. Acesso em: 2019 - 08 - 05.

GOMES, Sergio Rugik. A arquitetura das sinagogas: exemplos relevantes e sua transformação no tempo. 2011. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.16.2011.tde-19012012-092731. Acesso em: 2017-10-07.

GONÇALVES FILHO, José Moura. “Olhar e Memória” in NOVAES, Adauto (org.). Olhar. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988, pp. 95 - 124;

GORENSTEIN, Lina. Da identidade judaica à identidade cristã - nova: o “homem dividida” de Anita Novinsky. In: LEWIN, Helena (coordenação) Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento. Rio de Janeiro: Imorimatur, 2013, P. 20- 27

GUERTZENSTEIN, Daniela Susana Segre. “Globalização: Comunidades Judaicas”. In: LEWIN, Helena (coordenação) Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013, pp. 138- 149.



HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

Memorial da Imigração judaica. <http://memij.org.br/index.php/historico/o-memorial> (acesso em 20/05/2017)

MORAIS, Marina Alves Mendes Itabaiana. Imigração e religiosidade: As Representações no Memorial da Sinagoga Kehilat Israel sobre os Judeus. 2017. 77 p. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia. Faculdade de Ciências da Informação. Universidade de Brasília.

NASCIMENTO, Douglas. Sinagoga Kehilat Israel. São Paulo Antiga. São Paulo, 14/07/2015. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/sinagoga-kehilat-israel/>. Acesso em: 12/08/2019.

NASCIMENTO, Flávia Brito. Edificações como documentos: patrimônio construído na Região da Luz e Bom Retiro. In: Bom Retiro: Memória Urbana e Patrimônio Cultural. Org. Simone Scifoni. 9ªSR/IPHAN. 2007. 17 - 28 P.

O Ano em que meus pais saíram de férias. Direção: Cao Hamburger. Produção: Cao Hamburger, Caio Gaulle e Fabiana Gaulle. Intérpretes: Muchel Joelsas, Germano Haiut, Simone Spoladore e outros. Roteiro: Cao Hamburger, Anna Muylaert, Brálio Montavani, Cláudio Galperin, Adriana Falcão. Filmes Distribuidoras, Gullane Filmes, Caos Produções Cinematográficas, Miravista, Globo Filmes e Petrobrás. 2006. < youtube.com/watch?v=yplwrQIWglw > (Acesso: 6/08/2019)

PÓVOA, Carlos Alberto. A territorialização dos Judeus na cidade de São Paulo SP: A Migração do Bom Retiro ao Morumbi. Tese de doutorado DG/FFLCH/USP São Paulo, 2007

SILVESTRE, Nathércia Pires. Paisagens Urbanas e Paisagens Humanas: o Bairro do Bom Retiro. Baleia na Rede - Revista Online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatra



SORJ, Bernardo. Diáspora, judaísmo e teoria social. In: Experiência cultural judaica no Brasil. Org. Mônica Grin e Nelson H. Vieira. TOPBOOKS, Rio de Janeiro. 2004. 53-81p.

Szwarcbart, Myriam Rosenblit. Sinagoga Kehilat Israel - Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto. As Sinagogas em São Paulo. São Paulo. s/d. Disponível em: <https://sinagogasempaopaulo.wordpress.com/sinagoga-kehilat-israel/>. Acesso em: 12/08/2019.

TOJI, Simone. Considerações sobre o nacional e o transnacional dentro das políticas públicas de patrimônio a partir do Caso do Inventário de Referências Culturais do Bom Retiro. In: Patrimônio: práticas e reflexões - a questão nacional do IPHAN III Oficina de pesquisa. Copedac/daf/IPHAN. Rio de Janeiro. 2009. 195 - 208 p.

_____. Bom Retiro: o multiculturalismo dentro e fora de sala de aula. In: Bom Retiro: Memória Urbana e Patrimônio Cultural. Org. Simone Scifoni. 9ªSR/IPHAN. 2007. 3 - 16 P.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 143-166, fev. 2001. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2144>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

VALADARES, P.; FAIGUENBOIM, G.; "Kehilat Israel", A primeira sinagoga paulista (1912) - Origens e Fundadores. In: Recordações dos primórdios da imigração judaica em S. Paulo. Org. Maria Luiza Tucci Carneiro. Maayontot, São Paulo. 2013. 31 - 70 p.

VIEIRA, Nelson H. Estudos judaicos-brasileiros e latino- americanos: uma abordagem para mapear o híbrido- diaspórico. In: Experiência cultural judaica no Brasil. Org. Mônica Grin e Nelson H. Vieira. TOPBOOKS, Rio de Janeiro. 2004. 81- 101p.

